

Uma Herdeira Apaixonada

OS RAVENELS 5

LISA KLEYPAS



ARQUEIRO

Título original: *Devil's Daughter*

Copyright © 2019 por Lisa Kleypas
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Sheila Louzada

revisão: Ana Grillo e Rebeca Bolite

diagramação: Abreu's System

capa: Renata Vidal

imagens de capa: © Lee Avison/Trevillion Images

impressão e acabamento: Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K72h Kleypas, Lisa
 Uma herdeira apaixonada / Lisa Kleypas; tradução
 de Ana Rodrigues. São Paulo: Arqueiro, 2019.
 272 p.; 16 x 23 cm. (Ravenels; 5)

 Tradução de: Devil's daughter
 Sequência de: Um estranho irresistível
 ISBN 978-85-306-0039-6

 1. Ficção americana. I. Rodrigues, Ana.
 II. Título. III. Série.

19-59840

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Aos nossos amados amigos Amy e Scott,
que nos deixaram cedo demais.*

*Minha vela queima na ponta e queima no pé,
Não durará a noite inteira;
Mas ah, meus inimigos! Ah, amigos de fé!
Sua luz é a mais bela e perfeita!*

– EDNA ST. VINCENT MILLAY

CAPÍTULO 1

Hampshire, Inglaterra

1877

Phoebe não conhecia West Ravenel pessoalmente, mas de uma coisa sabia com certeza: ele era um tirano cruel e imoral. Sabia disso desde os 8 anos, quando seu melhor amigo, Henry, começara a se corresponder com ela do colégio interno em que estudava.

Na época, West Ravenel fora um tema frequente das cartas cheias de erros de ortografia de Henry, que o descrevia como um menino sem coração, mas cujo mau comportamento era sempre relevado, o que acontecia em todo colégio interno. Via-se como inevitável que os garotos mais velhos dominassem e intimidassem os mais novos, e qualquer um que os denunciasse era punido severamente.

Querida Phoebe,

Achei que o colégio interno seria divertido, mas não é. Aqui tem um menino chamado West que sempre pega o meu pão no café da manhã, e olha que ele já é do tamanho de um ipopótamo.

Querida Phoebe,

Ontem foi meu dia de trocar as velas dos castissais. Só que West colocou velas explosivas no meu cesto, e de noite uma delas disparou como um foguete e xamuscou as sobranças do Sr. Farthing. Fui punido com bengaladas na mão. O Sr. Farthing deveria saber que eu não faria algo tão óbvio. West não ficou nem um pouco arrependido, disse que não podia fazer nada se o professor é um idiota.

Querida Phoebe,

Fiz esse desenho de West para que saiba que deve fugir se algum dia você ver ele. Mas como não sou bom em desenho, ele ficou parecendo um palhasso fantasiado de pirata. Que é como ele se comporta.

Por quatro anos West Ravenel perturbou e atormentou o pobre Henry, lorde Clare, um menino pequeno e nervoso, de constituição delicada, até que a família o tirou do colégio interno para educá-lo em casa, em Heron's Point, não muito longe de onde Phoebe morava. O clima ameno e saudável da cidade litorânea, junto com seus famosos banhos de mar, ajudou a restaurar-lhe a saúde e a disposição. Para alegria de Phoebe, Henry era uma visita frequente em sua casa, e chegou a estudar com seus irmãos e o tutor deles. Inteligente, sagaz e cativante em sua excentricidade, o menino logo se tornou muito querido pela família Challon.

Não houve um momento específico em que a afeição de infância que Phoebe sentia por Henry se transformou em algo novo. Aconteceu aos poucos, envolvendo-a por dentro como delicadas vinhas, desabrochando em um jardim de pedras preciosas, até o dia em que sentiu um estremecimento de amor ao olhar para ele.

Phoebe precisava de um marido que também fosse um amigo, e Henry sempre fora seu melhor amigo. Ele a conhecia e a compreendia por completo, tal como ela a ele. Formavam o par perfeito.

Phoebe foi a primeira a levantar o assunto do casamento. E ficou chocada e magoada quando Henry tentou, com gentileza, dissuadi-la da ideia.

– Você sabe que não poderei ficar ao seu lado para sempre – disse ele, envolvendo-a com os braços finos e deixando os dedos se perderem nos cachos largos dos cabelos ruivos dela. – Um dia minha doença me impedirá de ser um marido ou pai adequado, de ter qualquer utilidade. E isso não seria justo com você nem com nossos filhos. Ou mesmo comigo.

– Por que você é tão resignado? – perguntou ela, assustada com o modo tranquilo e fatalista com que Henry aceitava a misteriosa enfermidade. – Vamos encontrar novos médicos, vamos descobrir o que o deixa tão doente e encontrar uma cura. Por que está desistindo antes mesmo de começar a lutar?

– Phoebe, minha luta começou há muito tempo – disse Henry, com suavidade. – O cansaço me acompanha por toda a vida. Por mais que eu descanse, mal tenho energia para passar o dia.

– Eu tenho energia por nós dois. – Phoebe descansou a cabeça no ombro dele, a intensidade das emoções a deixando trêmula. – Eu te amo, Henry. Deixe-me cuidar de você. Deixe-me ficar com você pelo tempo que tivermos juntos.

– Você merece mais.

– Você me ama, Henry?

Os grandes e suaves olhos castanhos dele cintilaram.

– Mais do que qualquer homem já amou uma mulher.

– Então o que nos impede?

Casaram-se, dois virgens inebriados descobrindo os mistérios do amor com uma falta de jeito enternecedora. O primeiro filho do casal, Justin, é um saudável e robusto menino de cabelos escuros, agora com 4 anos.

Henry entrara em seu declínio final havia dois anos, pouco antes do nascimento do segundo filho, Stephen.

Nos meses de dor e desespero que se seguiram, Phoebe foi morar com a família, e encontrou um pouco de alento no lar afetuoso da infância, mas, agora que o período de luto terminara, era hora de recomeçar, dando início a sua nova vida como jovem mãe viúva de dois meninos. Uma vida sem Henry. Como parecia estranho. Logo ela voltaria para a propriedade dos Clares em Essex (que Justin herdaria quando tivesse idade suficiente), onde tentaria criar os filhos como o amado pai deles teria desejado.

Mas, antes, precisava comparecer ao casamento do irmão, Gabriel.

Sentiu o estômago embrulhar conforme a carruagem se aproximava do Priorado Eversby. Era o primeiro evento fora da casa da família a que comparecia desde a morte de Henry, e, mesmo sabendo que estaria entre amigos e parentes, se sentia nervosa. Porém, havia também outro motivo para tamanha inquietação.

A noiva era uma Ravenel.

Gabriel ia se casar com uma jovem adorável e única, lady Pandora Ravenel, que parecia adorar o irmão de Phoebe tanto quanto ele a adorava. Era fácil gostar de Pandora, tão franca e divertida, e com uma imaginação efervescente que a fazia se lembrar um pouco de Henry. Phoebe também gostara muito dos Ravenels que visitaram a casa de sua família à beira-mar. Havia a irmã gêmea de Pandora, Cassandra, e o primo distante delas, Devon, que pouco antes herdara o condado da família e agora atendia por lorde Trenear. A esposa dele, Kathleen, lady Trenear, era simpática e encantadora. Se a família fosse só essa, estaria tudo bem.

Mas o destino mostrara ter um senso de humor perverso: o irmão mais novo de Devon era ninguém menos que West Ravenel.

Phoebe finalmente conheceria o homem que transformara os anos de Henry no colégio em um tormento. Não havia como evitar.

West morava na propriedade. Sem dúvida, ficava vagueando por lá, fingindo estar ocupado, enquanto dilapidava a herança do irmão mais velho. Pelas descrições que Henry fizera do grande e indolente preguiçoso, Phoebe o imaginava o dia inteiro dormindo e bebendo, como uma foca na praia, lançando olhares lascivos para as criadas enquanto elas limpavam seu rastro de sujeira.

Não era justo que uma pessoa tão boa e generosa como Henry houvesse tido tão poucos anos de vida, enquanto um cretino como Ravenel provavelmente fosse viver até os 100.

– Mamãe, por que está aborrecida? – perguntou Justin.

O menino estava sentado de frente para ela na carruagem. A babá idosa cochilava no canto. Phoebe desanuviou a expressão na mesma hora.

– Não estou aborrecida, querido.

– Suas sobranceiras estavam apontando para baixo e a boca estava torcida – descreveu o menino. – A senhora só fica assim quando está aborrecida, ou quando a fralda do Stephen está molhada.

O bebê dormia no colo de Phoebe, embalado pelo movimento da carruagem.

– Stephen está bem seco, e não estou de modo algum mal-humorada. Eu apenas... bem, você sabe que há muito tempo não me encontro com pessoas novas, então estou um pouco tímida diante da ideia de mergulhar novamente na agitação do mundo.

– Quando o vovô me ensinou a nadar na água gelada, ele me falou para não pular de uma vez, disse para ir entrando devagar até que a água estivesse na altura da cintura, porque assim o corpo vai se preparando. Vai ser bom para a senhora praticar, mamãe.

Phoebe considerou o ponto de vista do filho, olhando para ele com um orgulho cheio de carinho. Puxara ao pai, pensou. Henry sempre fora solidário e esperto, desde muito novo.

– Vou tentar entrar aos poucos – disse ela. – Que menino inteligente você é. Faz bem em escutar as pessoas.

– Eu não escuto todas as pessoas – retrucou Justin, muito tranquilamente. – Só aquelas de quem eu gosto.

Ele se ajoelhou no assento e ficou observando a antiquíssima mansão em estilo jacobino que assomava ao longe. A construção, que já fora uma casa fortificada onde vivia uma dúzia de monges, era uma estrutura enorme, muito ornamentada, com fileiras de chaminés estreitas. Bem ancorada à terra, robusta, mas que também buscava alcançar o céu.

– Que grande – comentou o menino, espantado. – O telhado é grande, as árvores são grandes, os jardins são grandes... E se eu me perder? – Mas não foi uma pergunta de preocupação, ele estava apenas intrigado.

– Se isso acontecer, não saia do lugar e grite até eu encontrá-lo. Sempre encontrarei você. Mas não vai haver necessidade disso, querido. Quando eu não estiver por perto, você terá a Sra. Bracegirdle... Ela não permitirá que você vá muito longe.

O menino lançou um olhar cético para a senhora adormecida e depois se voltou novamente para a mãe, com um sorriso travesso.

Henry é que havia sugerido deixarem os filhos aos cuidados da Sra. Bracegirdle, pois ela fora sua amada babá. Era uma mulher calma e agradável, com um corpo roliço que garantia um colo delicioso para as crianças ouvirem histórias, os ombros perfeitos para tranquilizar o choro de bebês. Seus cabelos crespos e brancos como um merengue estavam sempre presos sob uma touca de cambraia. Os rigores físicos de sua ocupação, como correr atrás de crianças enérgicas ou tirar bebês gorduchos da banheira, agora ficavam quase inteiramente a cargo de uma criada mais nova. Sua mente, no entanto, ainda era aguçada, e, exceto pela necessidade de uma soneca de vez em quando, ela permanecia mais capaz do que nunca.

A caravana de carruagens elegantes seguia pela entrada de veículos da propriedade, levando a comitiva dos Challons e seus criados, assim como uma montanha de bolsas e baús presos com tiras de couro. A área residencial, assim como as terras de cultivo ao redor, era impecável, com sebes densas e antigos muros de pedra cobertos por roseiras trepadeiras e por glícínias roxas delicadas e ondulantes. As carruagens foram parando diante do pórtico, onde era possível sentir o perfume de jasmim e madressilva.

Tendo acordado de seu leve cochilo com um sobressalto, a babá começou a guardar na grande bolsa de tapeçaria os itens espalhados aqui e ali e pegou Stephen do colo de Phoebe, que então desceu atrás do menino mais velho.

– Justin... – chamou ela, constrangida, pois o filho disparava como um beija-flor através do aglomerado de criados e familiares, distribuindo breves olás.

Ela viu as fisionomias já conhecidas de Devon e Kathleen Ravenel – lorde e lady Trenear – recepcionando os convidados. Lá estavam os pais de Phoebe; sua irmã mais nova, Seraphina; seu irmão, Ivo; junto de Pandora, Cassandra e vários outros rostos que ela não reconheceu. Todos riam e conversavam animadamente, empolgados com o casamento. Foi quando lhe veio o desconforto diante da perspectiva de conhecer pessoas novas e ter que conversar com elas. Respostas espirituosas e animadas não eram uma possibilidade. Se ao menos ainda estivesse sob o manto protetor das roupas de luto, com o véu escondendo o rosto...

Pelo canto do olho, Phoebe notou Justin subindo sozinho, saltitante, os degraus da entrada. A Sra. Bracegirdle se adiantou, mas Phoebe a tocou de leve no braço.

– Pode deixar. Eu vou atrás dele.

– Sim, milady – disse a babá, aliviada.

Phoebe, na verdade, estava feliz por Justin estar entrando na casa: era uma boa desculpa para fugir daquela fila de convidados.

O saguão de entrada, ainda que também estivesse cheio, estava mais calmo e silencioso que lá fora. Um homem organizava o tumulto dando instruções aos criados que transitavam por ali. Seus cabelos, de um tom tão escuro de castanho que passaria facilmente por preto, cintilavam como líquido com os reflexos da luz. Enquanto escutava com atenção as explicações da governanta sobre a distribuição dos hóspedes nos quartos, o homem jogou uma chave para um assistente de mordomo que se aproximava (ele a pegou no ar com uma só mão e rapidamente partiu para executar alguma outra tarefa), para logo depois amparar um jovem criado que, carregando uma torre de caixas de chapéu, quase caiu ao tropeçar. Depois de ajeitar a pilha de caixas, ele despachou o menino para que seguisse seu caminho.

O homem irradiava vitalidade masculina em seu estado mais puro, o que chamou a atenção de Phoebe. Tinha pelo menos 1,80 metro de altura, com a compleição atlética e bronzeada de quem passava boa parte do tempo ao ar livre, mas usava roupas de muito bom gosto. Curioso. Seria o administrador da propriedade?

Os pensamentos de Phoebe foram interrompidos quando ela percebeu que o filho fora investigar os elaborados entalhes de madeira na lateral da grande escadaria dupla. Foi rapidamente atrás dele.

– Justin, você não pode sair andando por aí sem avisar a Sra. Bracegirdle ou a mim.

– Veja, mamãe.

Phoebe olhou na direção que o pequeno indicador do menino apontava e viu o entalhe de um ninhozinho de ratos na base das balaustradas. Era um toque divertido e inesperado na grandiosidade da escadaria.

– Gostei – disse ela, abrindo um sorriso.

– Eu também.

Quando Justin se abaixou para olhar o entalhe mais de perto, uma bola de gude escorregou de seu bolso para o piso de parkê. Phoebe e o filho ficaram observando, consternados, a veloz bolinha rolar para longe.

A bolinha foi interrompida abruptamente quando o homem de cabelos escuros pisou nela com a ponta do sapato, em uma demonstração de timing perfeito. Quando terminou sua conversa, ele se abaixou e pegou o minúsculo objeto, enquanto a governanta se afastava às pressas. Então o homem voltou sua atenção para Phoebe e Justin.

Seus olhos eram de um azul impressionante naquele rosto bronzeado; seu breve sorriso, um ofuscante brilho branco. Era um homem muito bonito, as feições fortes e harmônicas, com suaves linhas de expressão no canto externo dos olhos. Passava a impressão de ser irreverente e divertido, mas também havia nele uma sugestão de sagacidade, com um toque de dureza. Como se já houvesse tido sua cota de experiências no mundo e não lhe restassem muitas ilusões. De algum modo, isso o tornava ainda mais atraente.

O homem se aproximou com tranquilidade. Um aroma agradável de ar livre parecia acompanhá-lo: sol e ar fresco, terra, a doçura da madeira e um toque de fumaça, como se tivesse passado um tempo perto de uma fogueira. Seus olhos eram do azul mais escuro que Phoebe já vira, com a íris rajada de preto. Já fazia muito tempo que um homem não a fitava daquele jeito, direto e interessado, com um discreto toque de flerte. Ela detectou dentro de si uma sensação estranha, algo que lhe lembrou um pouco os primeiros dias de seu casamento com Henry... aquele trêmulo, inexplicável e embaraçoso desejo de pressionar o corpo intimamente no de outra pessoa. Até então, Phoebe só sentira aquilo pelo marido e ninguém

mais, e mesmo assim nunca com aquele sobressalto ao mesmo tempo ardente e gelado.

Sentindo-se confusa e culpada, Phoebe recuou um passo, tentando puxar Justin, mas o menino resistiu, evidentemente achando que lhe cabia fazer as apresentações.

– Eu sou o Justin, lorde Clare – anunciou. – Essa é a mamãe. O papai não está conosco porque morreu.

Phoebe sentiu um rubor intenso cobri-la dos pés à cabeça.

O homem não pareceu nem um pouco constrangido, apenas se agachou para falar com o menino. Sua voz grave e aconchegante deu a Phoebe a sensação de se espreguiçar em um denso colchão de penas.

– Perdi meu pai quando não era muito mais velho que você – disse ele a Justin.

– Ah, eu não perdi o meu – foi a resposta séria do menino. – Sei exatamente onde ele está. No céu.

O estranho sorriu.

– É um prazer conhecê-lo, lorde Clare.

Os dois trocaram um aperto de mãos cerimonioso. O homem ergueu a bolinha de gude à luz e observou o minúsculo carneiro de porcelana gravado no vidro transparente.

– Uma bela peça – comentou. E devolveu a bolinha a Justin, antes de se levantar. – Você joga Círculo?

– Ah, sim.

Era a brincadeira mais comum: um jogador tentava acertar a bolinha do outro para fazê-la sair do círculo demarcado.

– E Castelo Duplo?

O menino balançou a cabeça, com ar intrigado.

– Esse eu não conheço.

– Vamos jogar durante sua estadia, se sua mãe permitir – disse o homem, lançando um breve olhar questionador para Phoebe.

Ela estava mortificada com a própria incapacidade de falar, os batimentos cardíacos totalmente descompassados.

– A mamãe não está acostumada a conversar com adultos – explicou Justin. – Ela gosta mais de crianças.

– Sou muito infantil – apressou-se a dizer o homem. – Pode perguntar a qualquer um por aqui.

CONHEÇA OS LIVROS DE LISA KLEYPAS

Os HATHAWAYS

Desejo à meia-noite
Sedução ao amanhecer
Tentação ao pôr do sol
Manhã de núpcias
Paixão ao entardecer
Casamento Hathaway (e-book)

AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

Segredos de uma noite de verão
Era uma vez no outono
Pecados no inverno
Escândalos na primavera
Uma noite inesquecível

Os RAVENELS

Um sedutor sem coração
Uma noiva para Winterborne
Um acordo pecaminoso
Um estranho irresistível
Uma herdeira apaixonada

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

